

Carta sobre Escrita – 28

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Quando se é jovem, é natural sentir estranheza face ao mundo e, por isso, ter o desejo de mudá-lo. O mundo não é como se pensa que devia ser. Daí nasce o desejo, de um jovem autor, de enviar aos seus leitores mensagens para provocar as alterações que julga necessárias. Não é difícil encontrar uma história em que se lêem, assumidas pelo autor, palavras claras de denúncia ou de exortação à mudança. Dizem os entendidos que é sinal de que estamos perante um “aprendiz de escritor” e não um escritor maduro. O aprendiz diz o que quer dizer (não é por acaso que a palavra “aprendiz” contém o “diz”), enquanto o escritor maduro mostra, põe à vista através de uma história aquilo que precisa de ser sentido. Portanto, em boa literatura, não se trata de dizer, mas de mostrar.

O artista da escrita transforma a mensagem numa história poderosa. Escreve-a de modo a arrastar o leitor para dentro da história e é aí, por dentro, que ele sente isso que o autor tinha intenção de levá-lo a sentir e a pensar.

Vamos imaginar uma mensagem: não aos casamentos precoces e forçados. O jovem autor tende a dizer isso mesmo enquanto vai contando uma história. Um bom autor não precisa de dizê-lo: conta uma história em que leva o leitor a indignar-se perante uma situação em que, por exemplo, uma mulher ainda criança foi obrigada a um casamento contra a sua vontade. O que conta é a mensagem ou o ponto de vista que transparece na história contada. E é esse ponto de vista que tem o poder de fazer mover o mundo. Não ao modo da pregação religiosa ou da propaganda partidária (ambas legítimas, só que são outras coisas), mas deixando ao leitor, como leitor, a inteligência de vivera história e tomar posição afetiva e pessoal sobre os acontecimentos narrados.

É isto que os bons autores fazem. É esta a arte que vale a pena desenvolver por parte de quem quer tornar-se escritor.

Bem... dito isto, importa acrescentar que o domínio das artes é o da criatividade, pelo que não há regras absolutas. Mas só quem é competente numa regra tem poder para a violar de modo a transcendê-la com proveito. Picasso não foi cubista na pintura por não saber pintar “a sério”. Pelo contrário, depois de saber pintar a sério, superou a sério as regras ou estado da arte no seu tempo.

Na ficção não há nada como aprender a contar boas histórias. E o que é uma boa história?

Metade da resposta está dada acima. A outra metade tem cada jovem autor de descobri-la nas histórias bem contadas, ou por bons escritores ou por um bom contador de histórias orais de que as comunidades africanas eram bem dotadas até há pouco tempo.

Abril de 2024

José A. Jana